



Recebido em:
04/07/2017
Aprovado em:
06/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

DILEMAS E PERSPECTIVAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR FRENTE À CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

PATRÍCIA ROSAS PORTO DIAS DA SILVA
NADJA DA CRUZ SILVA

EIXO: 13. CURRÍCULO ESCOLAR, GESTÃO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

RESUMO

O texto traz uma abordagem qualitativa sobre os dilemas e perspectivas da organização do trabalho escolar frente à concepção de família na contemporaneidade. Na introdução contextualizamos a importância da instituição familiar na vida social, afetiva e psicológica do indivíduo. E as transformações que o conceito e significados de família mudaram ao longo dos séculos e de acordo com os valores e concepções de sociedade. Uma análise sobre o papel e a posição que a família e a escola ocupam em uma sociedade contemporânea, marcada por velozes transformações. Os desafios enfrentados pela escola frente aos novos padrões de família. E para melhor compreendermos as instituições família e escola, as suas múltiplas relações e os impactos na formação do sujeito psíquico, social e cultural realizamos uma análise do ponto de vista psicológico, social e cultural destas duas instituições primárias e fundamentais na completude do ser humano.

Palavras chave: família, escola, contemporaneidade.

ABSTRACT

The text brings a qualitative approach on the dilemmas and perspectives of the organization of the school work in front of the conception of family in the contemporaneity. In the introduction we contextualize the importance of the family institution in the social, affective and psychological life of the individual. And the transformations that the concept and meanings of family have changed over the centuries and in accordance with the values and conceptions of society. An analysis of the role and position that the family and the school occupy in a contemporary society, marked by rapid transformations. The challenges faced by the school facing the new family standards. And in order to better understand family and school institutions, their multiple relationships and the impacts on the formation of the psychic, social and cultural subject, we carry out an analysis from the psychological, social and cultural point of view of these two primary and fundamental institutions in the completeness of the human being.

Key words: family, school, contemporaneity.

INTRODUÇÃO

A família é a instituição primária na vida do ser humano é da onde provém a construção de ideais de certo ou errado, de bom e mau, da onde sua constituição enquanto pessoa começa a forma-se. A família é a base primeira de qualquer indivíduo, é a partir deste lugar que ele constrói e reconstrói suas concepções de mundo. E a ela é delegada o papel de socialização primeira do indivíduo. Os modelos de famílias constituídos nos séculos anteriores é primado num padrão patriarcal com rígidos valores morais, religiosos e culturais. Famílias numerosas e com o convívio do pai e da mãe presentes no seu processo de formação social e pessoal. No entanto a escola instituição fundamental na vida do indivíduo nos séculos XIX e XX aparece como reforçadora da educação desempenhada pela família. Sendo delegada a mesma a desempenhar seu objetivo principal que é o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos programáticos, valores cívicos e morais para formação para o trabalho de sujeitos obedientes e fiéis aos símbolos nacionais.

Com a virada do século e a inserção dos valores pós-moderno, os conceitos tradicionais, hierárquico e conservadores de família vão se transformando. Os valores éticos e morais já não são mais os mesmos. A permissividade exacerbada com a ilusão de liberdade, aliada a compensações da presença física e da afetividade tornam-se rotina. A ausência da autoridade e de um controlador de normas e regras é visível. Consequentemente neste contexto pós-moderno a escola tangencia outras concepções de aprendizagem. Nesta concepção o objetivo da escola vai além do ensino da leitura, da escrita e dos cálculos, passa a trabalhar valores éticos e morais dantes centralizados e papel da família.

Fazendo uma análise deste novo século que muitos autores denominam como uma nova face da modernidade percebemos como marcas uma concepção de vida fugaz e transitória. As mudanças de concepções e valores mudam de forma repentina, vale o ter em detrimento do ser, o individual no lugar do coletivo. Vivemos como afirmava Baumam (2001) em uma modernidade líquida, onde vale a forma do recipiente que se coloca naquele momento. Assim:

[...] O derretimento dos sólidos, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi à dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão a ordem e do sistema na agenda política [...] o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos de ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (BAUMAM, p.13,2011)

Ainda na sua obra “modernidade líquida” Baumam (2011) cita uma entrevista feita com Rutherford, onde ele denomina a família como uma “instituição zumbi”, que estão “mortas e ainda vivas” como principal fenômeno da “modernização da modernidade”. O núcleo familiar começa-se a desintegrar, a desfazer-se de suas antigas molduras e a se reemoldurarem de acordo com os padrões contemporâneos vigentes. No nosso entendimento a concepção de família está acessa apenas na acepção da palavra, mas na sua essência e sentido está se desintegrando, para se refazer em uma nova dinâmica marcada pela individualidade, corrida pela agregação de bens materiais e valores morais deturpados.

A pressão do modo vida atual em busca da sobrevivência, ter que dedicar ao trabalho maior parte do tempo, redução do tempo de lazer. Aliada aos ditames do mundo capitalista com exploração da mão de obra de trabalho, redução de salários, desprezo pela saúde do trabalhador, centralidade no lucro e na mais valia. Tudo isso congregado a outros fatores nos obrigam a dedicar um tempo cada vez menor a vida familiar, manter-se os vínculos, os parentescos, o sentimento de cuidar do outro. É a partir daí que o sentimento de educar, de formar o sujeito com base em alguns princípios surge. Esta dinâmica de educação familiar contemporânea coloca-se em círculos de gerações, onde o indivíduo que foi educado e cuidado por outrem reproduz essa forma de educação sem muitas vezes se dar conta dos danos e de forma inconsciente.

O que fica reservado à escola no turbilhão de acontecimentos do mundo contemporâneo Fica a sensação de impotência por desempenhar de formar mediana e deficiente vários papéis. Papéis estes, que deveriam ser compartilhados com a família, com a sociedade, com o Estado. A escola precisa ser capaz de tecer diálogos com está

nova constituição de família.

REFLEXÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA SOBRE A FAMÍLIA

No conceito clássico de família tradicional, o casamento era visto como uma instituição indissolúvel. Nos últimos 50 anos, no Ocidente, houve uma mudança no modelo de família, modificou-se as suas dimensões, organizou-se de diversas formas e ainda assumiu novos valores. A vida em família é uma eterna "negociação". Seja qual for o seu tipo, há um objetivo comum, o de constituir uma família mais funcional e harmoniosa possível, onde existe amor, respeito e partilha.

À mãe, geralmente, atribui-se a ideia mítica de ideal de amor e afeição. Apesar do crescente questionamento sobre o amor materno incondicional e inato, a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família ainda é bastante presente na literatura e no senso comum. Desde esta perspectiva, pode-se avaliar, com maior propriedade, a necessidade de revisar os papéis que tradicionalmente as mulheres vêm assumindo na família assim como redefinir o funcionamento familiar frente a um novo contexto social. De outra forma, estaremos condenados a repetir indefinidamente padrões de interação empobrecedores de relações familiares que poderiam ser mais criativas e saudáveis.

Jung sustenta a ideia de que o fator de maior importância, a exercer influência sobre o caráter da criança, é "a atitude emocional, pessoal e inconsciente dos pais e educadores" (JUNG, 2016). Assim, pode-se perceber que no comportamento humano são transportados, ou levados em conjunto, fortes influências do meio familiar. E, se grande parte da vida de uma pessoa é moldada pelo influxo do meio, então o livre arbítrio é relativo e estreito, pelo menos enquanto prepondera a atitude inconsciente.

Jung sugere que a personalidade se desenvolve a partir da necessidade, seja pela coação de acontecimentos internos ou externos. É sabido que, pela necessidade de aceitação que a criança tem, sua principal tarefa durante a infância é a adaptação às exigências familiares. (JUNG, 2016)

Se há algo a que podemos nos referir como universal é a família. Em qualquer civilização, em toda a classe social, há uma referência importante feita, pelo indivíduo, à família. Seja de forma positiva ou negativa, todo o ser humano carrega uma ideia de referência sobre sua família. O pai herói ou o pai carrasco, a mãe boa ou a mãe terrível, povoam a psique, o imaginário e as emoções humanas. As idealizações e as fantasias são peculiares ao homem. No decorrer da vida existem oscilações entre a idealização dos pais e a decepção com eles e, na relação com os pais estão envolvidos, além dos reais, os pais arquetípicos que produzem consideráveis efeitos emocionais no sujeito.

Na psicologia de Jung a família surge como o grupo primário de onde emerge a individualidade de cada membro, a qual se desenvolve na medida em que o indivíduo atua na sociedade com a qual está intimamente vinculado. A meta de cada indivíduo, membro dessa família, é individuar-se.

A família é a matriz de um sistema em constantes transformações. Transformações esperadas, aquelas que fazem parte da história e dos ciclos de vida, sejam infantis, adolescentes, adultos ou idosos no contexto familiar. Transformações inesperadas, aquelas que vem carregadas de núcleos emocionais ligados às perdas, às separações, traições de vínculos afetivos, mudanças geográficas e diferentes conflitos inerentes a essas e outras mudanças.

Ocorre que a família passou por mudanças consideráveis, porém cada um de seus membros, mesmo que de forma diferente, ainda exerce papel fundamental e estruturante, ficando cada vez mais evidente e necessária a atuação de ambos os pais e cuidadores na educação e criação dos filhos.

Desta feita, é altamente necessário para qualquer ser humano ter uma família, pois é nesse meio que se terá os primeiros contatos com a vida em sociedade, que se exteriorizarão as emoções e aprender-se-á sobre a vida. A base de tudo é a família e nesta deve repousar qualquer linha primeira de ação educativa.

Conforme a criança vai crescendo, os primeiros grupos sociais com quem convive são a família e a escola. Nesses ambientes ela percebe que recebe aprovação por algumas coisas que faz e reprovação por outras, experimentando bons sentimentos e recompensas nas primeiras, e ruins na segunda situação. Com isso ela aprende a fazer mais

aquilo que recebe aprovação, pois precisa do amor e da aceitação desses primeiros grupos sociais, principalmente dos pais e professora, para que possa se desenvolver de maneira confiante e saudável. Dessa maneira ela começa a desenvolver o arquétipo da persona, que seriam os diferentes papéis sociais que as pessoas desenvolveriam para que pudessem conviver e se adaptar em sociedade. Isso é necessário para que se possa viver de forma saudável, desde que o indivíduo transite entre suas diferentes personas de maneira a não se apegar demais a apenas uma ou algumas, deixando outras esquecidas, o que o manteria numa atitude unilateral, causando um desequilíbrio em sua personalidade. Personas seriam então os papéis que ocupamos na sociedade.

Em consequência do arquétipo da persona, outro arquétipo começa a se formar, o da sombra. Na sombra estariam contidos todos os aspectos que a criança reprimiu em si para que tivesse a aceitação que desejava, fazendo somente as coisas que saberia que receberia aprovação social. Além disso, a sombra também contém aspectos que a própria pessoa considera negativo, independente do social, ou ainda, aspectos que até ela mesma desconhece, por não ter consciência. Ela também pode conter aspectos positivos e desconhecidos do sujeito, que ele desconhece ou que não considera positivo. A sombra, portanto, é inconsciente e por isso costuma ser projetada no outro. Quanto maior e mais inconsciente é a sombra, mais a pessoa a projeta e mais fica em desequilíbrio, o que pode lhe causar muitos problemas, pois sua energia psíquica está toda represada nesse seu aspecto, ficando os outros carentes dessa energia, por isso é necessário que a pessoa se conscientize dela.

Para Jung, a criança é a extensão da psicologia de seus pais e está sujeita às influências deles, estando suas experiências posteriores e relacionamentos adultos, dependentes da forma como irão internalizar as figuras de seus pais e relacionamento deles e com eles. E quando se fala em internalizar tais figuras, não necessariamente se fala da figura real, mas também da imagem arquetípica de mãe e de pai. Segundo ele, ao nascer a criança tem sua consciência toda dentro do inconsciente, ou seja, ela é só inconsciente coletivo. Depois, vai aos poucos expandindo sua consciência, à medida que vai tendo experiências, e desenvolvendo seu inconsciente pessoal. Dessa forma o ego fica no centro da consciência, mas não sendo ele o todo, e sim apenas uma parte do todo que é o Self, centro da psique total.

DILEMAS DA EDUCAÇÃO EM FAMÍLIA

A família da contemporaneidade administra urgências e turbulências e que não podem ser mais colocadas debaixo do tapete. Precisamos nos lembrar de que em muitas situações é melhor agir cedo do que tarde. Alguns cuidados referentes às responsabilidades do mundo adulto com aqueles de que devemos cuidar.

Hoje há um falecimento das condições de formação e criação de crianças e jovens. Muita gente entrega os postos, desiste de fazer o esforço, com a inteligência que é necessária, para formar alguém. Não basta a um pai, a uma mãe ou aquele que cuida considerar isso ofensivo. Que não olhe a conduta do filho, enteadado, como uma ação ofensiva de alguém insolente. É preciso buscar as raízes dessa insolência, dessa eventual falta de educação no trato. (CORTELLA, 2017).

A principal angústia é a sensação de fracasso, onde uma das principais causas para essa situação é a rarefação da convivência, pois os pais gastam a maior parte do tempo dedicado às tarefas profissionais. A redução brutal do tempo da convivência faz com que as pessoas não se conheçam. E aquele que tem responsabilidade de formar, por não conhecer aquele com quem está lidando fica enclausurado. É como se a família fosse apenas um criadouro, não um local de formação, de aprendizado, de convivência, de alegria, de afeto.

A ideia de posse de si mesmo desandou, no momento da formação das pessoas, porque essa ausência de fronteiras pode se transformar em algo absolutamente danoso, que é a incapacidade de contenção. A vida também é renúncia, vida e convivência também demandam contenção. Quando Sigmund Freud escreveu o Mal-estar na civilização (1930), ele estava falando das potências internas, o que ele chamaria de impulso, que faz com que, em última instância, eu pense em mim mesma.

Uma parte das famílias não está formando os jovens para a perda. Nós vivemos vários lutos na vida, que não são apenas de pessoas. Vivemos falecimentos no dia a dia que são as perdas também relacionadas ao afeto, às condições econômicas, aos postos nas hierarquias (CORTELLA, 2017.p.41)

A disciplina é necessária para não deixar a vida solta. A disciplina organiza o estudo, o lazer, o trabalho, e as demais atividades. Não é um constrangimento, é uma forma de ordenação das coisas. Uma geração que se forma de modo indisciplinado não terá um comportamento saudável no convívio com o outro. A criança e o jovem precisam entender que existem fronteiras, não barreiras.

A função da escola é a escolarização: o ensino, a socialização, a construção de cidadania, a experiência científica e a responsabilidade social. Mas é a família que faz a educação. A escolarização é apenas uma parte do processo de educar, não a sua totalidade. A educação familiar de crianças e jovens deve ser a prioridade desta instituição social, bem como destinar o tempo necessário ao seu acontecimento. A terceirização da educação familiar para a escola constitui-se em uma violência simbólica, pois a possibilidade de se ter alguma convivência (seja de 20 minutos, meia hora) tem de ser prazerosa, no sentido de intensidade.

O modo de aproximação com a criança e com o jovem define o tipo de resposta que você vai ter. A questão central é a forma de abordagem. Você chega a ele como um corretor ou como um educador. Você o aborda como fiscal ou como um responsável (CORTELLA, 2017. p. 59)

A SIMBÓLICA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLA E FAMÍLIA

Existe um parentesco entre a escola e a família e que por essa razão é perfeitamente válido recorrer à psicanálise para examinar, esclarecer, compreender uma relação que não deixa de estar ligada com aquela que se estabelece na família. Na evidência do sentido das relações específicas que se estabelecem entre os adultos e as crianças, assim como os pais, os professores são adultos em relação educativa com as crianças e jovens. Dessa forma, o comportamento dos parceiros que se encontram na presença um do outro e em relação, é que se encontra a explicação numa experiência familiar anterior. O que acontece na escola é determinado pela história familiar. O encontro que a escola institui reativa sentimentos, atitudes, posições, fantasias mobilizados na ocasião do conflito, que põe o professor na sua própria infância a seus pais (KAES, 1991)

O sistema social visando obter a submissão e o controle das pulsões, a formação do caráter, a regulação dos comportamentos, substitui os pais no seu papel educativo, e assim, define funções, cria papéis, induz a um estilo de relações que fazem desse sistema uma instituição bem próxima da instituição familiar.

A esse respeito, a instituição escola se apresenta como uma instituição específica. Pode ser considerada no conjunto das instituições como eminentemente marginal, pois ela se afasta das organizações, cuja racionalidade se define em relação ao objeto consignado. Se no que concerne à família, estamos num nível dominado pelo irracional, esse também é exatamente o caso da instituição escolar, já que ela não pode pressupor um comportamento que seja apenas um resultado: o efeito acabado do seu projeto. A escola não lida com alunos, mas com pessoas em desenvolvimento. Dessa forma, não pode esperar deles um comportamento perfeitamente conforme as normas da organização adaptada ao objetivo que a orienta, já que o seu objetivo é justamente o de conduzir as pessoas em desenvolvimento, a esse comportamento pela educação. Não se pode pressupor no início o que só se pode ocorrer no fim.

Partido desse pressuposto, se justifica então, que essa instituição não é como as outras, que se justifica plenamente a utilização da análise simbólica para a compreensão do que acontece na escola entre os diversos atores institucionais (os sujeitos do ensino, os sujeitos da aprendizagem e aqueles que o controlam) a lógica do recurso analítico surge justamente pelo fato do reconhecimento de uma semelhança da “estrutura familiar” num outro campo institucional, a escola.

PONDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO DA ESCOLA E A FAMÍLIA NA ATUALIDADE

Percebemos a transformação da escola pública, historicamente o “templo do saber” em “depósitos” de crianças pobres, quando assistimos ao sucateamento de suas instalações, à uniformidade (que tentam implantar) de sua arquitetura vazia de uma identidade particular, esse lugar que não nos abraça”. Não nos acolhe, não nos anima, mas nos prende e nos esconde dos olhos sensíveis dos “bons cidadãos”, percebemos que os caminhos que nos trouxeram até este quadro de fracasso são múltiplos e tortuosos.

Aos professores, há anos são negados a sua condição de intelectual, transformando o magistério numa profissão de mulher, e por isso mesmo inferior, construindo o fenômeno conhecido como a proletarianização. Hoje se retiram as professoras e professores do centro onde essas ações são produzidas e os deixam sozinhos: malformados, exauridos e mal pagos. Expostos a toda sorte de violência psíquica, verbal, e física, muitas vezes sem o suporte técnico-administrativo que garante condições físicas e humanas mínimas para a prática docente.

Problemas da escola como o fracasso escolar, há alguns anos vem sendo discutidos, problemas esses que são enfrentados pelos professores, nas salas de aula das escolas públicas, que ganham as mídias e as ruas, mostrando a realidade da violência, simbólica e real, sofrida por todos os que compartilham o espaço escolar, mostrando a indiferença do setor público, ora defendendo a iniciativa privada e o voluntariado, ora apresentando as soluções inovadoras, ora propondo a importação de modelos prontos, soluções que não raramente demonstram uma preocupação muito maior com os números produzidos, do que com os sujeitos produzidos, com o país produzido.

As famílias passaram ao longo das últimas décadas do século XX, por mudanças estruturais profundas. Essas mudanças à escola muitas vezes não percebe como a nova realidade familiar do aluno, não se preocupando em tentar entender nem construir um diálogo possível com esta família, mas negando a sua existência e, portanto, sua participação, para logo em seguida se ressentir de sua ausência.

Querendo determinar a priori as bases desta relação, dizendo o que quer das famílias, mas mantendo-as do lado de fora dos muros da escola, reproduzindo as mesmas relações que o Estado mantém com as escolas. Percebemos que aqueles que se entendem no lugar do saber não reconhecem no outro o direito de ocupar este espaço em uma relação democrática e igualitária, mas numa relação de subordinação, disfarçada em “democratismo”, no qual o outro participa quando e como eu determino, para no final apenas, legitimar minhas ações.

As mudanças culturais, econômicas e sociais sofridas ao longo do tempo transformaram o modelo familiar sem que a escola muitas vezes se desse conta de ou soubesse como atender a esta nova realidade, adotando muitas vezes uma postura saudosista tão preconceituosa quanto as gravuras dos livros didáticos frente às novas estruturas familiares que se formam. Nossa realidade rompe com este modelo e nos apresenta grupos de convivência formados por diferentes laços de parentescos, idades, sexos, que se apresentam diversos, mas são legítimos núcleos familiares.

A transferência de responsabilidade nem sempre são aceitas de bom grado pela escola, já sobrecarregada com os infinitos caminhos da burocracia, com a violência sofrida, com a dignidade maltratada. Os professores e professoras, transformados em proletariados, desprestigiados, e violentados, apesar do entendimento quase unânime de que estão entre os principais atores do processo, transformam-se cada vez mais em seres humanos doentes e doentios, acumulando moléstias físicas e psíquicas que tornam seu afazer pedagógico um jogo sadomasoquista, sofrendo e impondo sofrimento.

No meio da troca de acusações e na pouco produtiva prática de “caça às bruxas” entre governo, autoridades públicas, escola e família, a realidade do fracasso da sociedade, para com estes jovens e crianças se impõe e cobra de nós reflexões/ações mais amadurecidas, mais profundas e mais construtivas. Primeiro é preciso entender a realidade como muitas realidades. Forma complexa com muitos autores e atores, mas com um final cada vez mais comum, sem soluções místicas e mágicas. Sem estas soluções salvacionistas e colonizadoras que excluem os professores, os pais, os alunos de seus “cálculos”. Porque alguns alunos aprendem e outros não Porque alguns deles não aprendem a ler e escrever Porque não querem Não se interessam Ou como costumamos ouvir diariamente dos professores, “eles não estão nem ai, “não estão a fim”. Estas são as explicações mais frequentes nos corredores depois de esgotadas as mais óbvias, como “também”, com a vida miserável que tem, vai aprender como A mãe é bêbada, pai um drogado! É criado pela avó, que não dá conta dele! Foi abandonado! Vive num barraco! É exposto à violência! etc., ou seja é um caso perdido

Muitas ideias, percepções, preconceitos e conceitos destes jovens, professores e pais constroem uma cultura escolar,

um imaginário rico em subjetividades e concepções de "homem", de cultura, de valores que formam um universo oculto (mais intenso) que atua como pano de fundo na construção deste quadro. Universo no qual estes sujeitos se movem, travando batalhas entre concepções de mundo e tecendo muitas realidades. Lógicas que tecem e são constituídas por realidades diferentes e diferentes formas de se entender, viver e interpretar o vivido. Rede de conflitos e tensões. Sem respostas fáceis. Sem obviedades. Mas caminhos possíveis.

GESTÃO LIDERANÇA E ÉTICA

Ética é a compreensão que cada um e cada uma têm sobre as possibilidades, os limites, as restrições e as conveniências da ação humana individual e coletivamente na convivência social e com a natureza. Uma escola é uma instituição presente em comunidades reais; nesse sentido, o modo como se comporta publicamente afeta essa inserção e, com maior vigor, a consolidação de futuro que precisa ter. Assim, credibilidade ética é garantia de futuro, e uma escola da qual se ausentem os valores da lealdade, honestidade, solidariedade e integridade pode, até, obter sucesso eventual; no entanto, tal trajetória se esboroa com o tempo. Essa credibilidade não é tarefa somente do gestor ou da gestora.

O que é liderar É assumir a atitude de animar, e dar vitalidade e ideias, pessoas e projetos; inspirar é dar fôlego, preencher de vida, motivar, isto é, robustecer a vivacidade e o compromisso das pessoas. Por ser uma atitude e não uma mera técnica, a liderança requer humildade sem subserviência, flexibilidade sem volubilidade e radicalidade sem sectarismo. Flexibilidade para apreender o que ainda não sabe, humildade para conhecer o que ignora, disponibilidade para inovar o que já domina e permeabilidade para empreender o futuro. Liderar é exercer um poder que sirva ao coletivo, que ajude a proteger a vida em suas múltiplas manifestações, de modo a recusar a ganância, biocídio e o apodrecimento da convivência saudável. Liderança não é simples chefia; essa está atrelada ao mando e obediência, enquanto que a liderança apoia-se na prática do serviço e da partilha. Por isso da escola se exige dedicação pedagógica como caminho, para que todos entendam que uma pessoa que em vez de servir ao coletivo, serve somente a si mesma, essa pessoa não serve.

Para conhecer a realidade de uma escola pública necessário basta identificar sua relação com a comunidade, o que se reflete na prática cotidiana de gestão da administração, ao mesmo tempo em que, para se conhecer uma dada comunidade a fundo, é necessário conhecer a escola que a permeia, pois, é ela que lida direta e indiretamente com a miséria e a pobreza da comunidade em que está inserida. Dessa forma, acredita-se que os alunos, sentindo-se estimulados e incentivados por seus pais, reconhecendo-os como parceiros atuantes na escola, irão se esforçar para elevar sua aprendizagem. Para que a escola fundamente uma discussão sobre a participação da família em intermédio com a escola, é necessário, primeiramente, conhecer o perfil de família da sociedade atual, pois é ela, a primeira instituição formadora do indivíduo.

Neste sentido, toma-se como fundamento a análise da influência da família para a formação do sujeito enquanto "ser social", por estabelecer e depender desta, suas primeiras relações humanas, afetivas e emocionais. Dessa forma, o núcleo familiar em suas variantes compõe papel de destaque na formação do indivíduo, por mediar as relações que este estabelece com o mundo desde à infância até a adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo idealizado no imaginário das pessoas de família perfeita, nuclear e harmônica tem sido transformada dia após dia no presente cenário social. Transitamos entre os modelos tradicionais e contemporâneos de família. A instituição escolar precisa estar preparada para os ditames da sociedade atual e principalmente para suas novas configurações de família. A escola precisa ser capaz de tecer uma relação dialógica e parceira com as famílias, sendo capaz de compreender o contexto familiar dentro de uma estrutura macro da sociedade. Para assim compreender suas micro relações, seu contexto local e familiar.

Com o processo de transformação do mundo contemporâneo, expansão da economia, e consequente deslocamento do trabalho doméstico para o mercado, a posição da mulher no mercado de trabalho provocam marcantes alterações nos laços familiares e sociais. O contexto de vida atual redefiniu posições históricas situadas pela família e pela

escola.

A escola precisa estreitar sua relação com a família tendo consciência da sua nova configuração no cenário atual. Para um melhor aproveitamento do processo de ensino e aprendizagem dos educando e da dinâmica de relações interpessoais. Estabelecer uma boa relação com a família e conseqüentemente com a comunidade local significa dar saltos qualitativos, é sair do lugar da queixa e buscarem juntos, melhorias para a qualidade da educação.

A conjugação entre família-escola é produtivamente efetivada quando se tem inserido no trabalho pedagógico escolar uma cultura participativa, pautada em decisões compartilhadas e horizontalizadas.

No que se refere às relações do cotidiano escolar Lück (2009) afirma que a escola é o espaço de embates entre o normatizado e o legislado e as possibilidades de compreensão entre os que compõem a escola. Dentro desta lógica as relações escola-família coloca-se em uma condição desafiante, de pensar a educação dentro de uma outra lógica, para além da burocratização, mas visando a dimensão humana, o sujeito e a suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

BAUMAM, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORTELLA, Mário Sérgio. Família: urgência e turbulências. –São Paulo: Cortez, 2017

KAËS, René. A Instituição e as Instituições: estudos psicanalíticos/R. Kaës... [et al.]; tradução Joaquim Pereira Neto. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

LÜCK, Heloisa. Dimensões da Gestão escolar e suas competências. Curitiba: Positivo, 2009.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos – 3. Ed.especial. - Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

[1] O termo "simbólica" atua como um adjetivo qualificativo que serve para designar tudo que expressa um simbolismo, algo não concreto ou evidente. O simbólico é causado por causa da presença de símbolos. Os símbolos podem ser qualquer tipo de representação gráfica, oral ou gestual que substitua uma ideia, uma forma de sentir, uma opinião, etc.